



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Quando o Assunto é Futebol: aspectos à Análise do Jornalismo Esportivo¹.

Autores: Antonio Guilherme Schmitz Filho; Luiz Osório Cruz Portela²

Universidade Federal de Santa Maria/RS

Resumo

Ao observar as apreciações e análises realizadas pelo jornalismo esportivo brasileiro, referentes a jogadores e técnico de futebol, especialmente durante a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 1998 (o proclamado *penta*), foi possível descrever e analisar uma profusão de procedimentos em relação às críticas que os mesmos sofreram. A intenção, na maioria dos casos analisados concentrou-se na tentativa de interpretação do comportamento técnico – tático dos envolvidos. A descrição dos episódios polêmicos auxiliou na análise e na apresentação de uma série de aspectos diferenciados, sobretudo, mediadas por uma peculiaridade jornalística, a vontade de torcer ou assumir o posto de treinador, elemento preponderante à fundamentação das críticas.

Palavras-chave:

Jornalismo Esportivo; Futebol; Análise.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica/comunicação de pesquisa empírica.

² Professores (categoria adjunto) do Departamento de Desportos Coletivos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. O primeiro é mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e doutor em Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS – endereço eletrônico: schmitzg@terra.com.br. O segundo é doutor em Ciências do Esporte (fisiologia/pedagogia do esporte) pela Fakultät für Geist- und Sozialwissenschaften (Faculdade para ciências mentais e sociais) e Universität Hannover (Universidade Hannover) Institut für Sportwissenschaften (Instituto para Ciências do Esporte) – endereço eletrônico: luizzportela@gmail.com.



1. Introdução

A centralidade midiática é inegável, ela porta uma força onipotente e onipresente de transformar rapidamente conceitos e ideologias. Nesse contexto, milhões de pessoas passam a ser expostas e influenciadas por determinados comportamentos que, na maioria dos casos atrelam ao seu repertório normas de consumo e estratégias internas orientadas pela relação direta com a audiência, ocasionando a construção de enunciados agregados e baseados na condição de tempo e espaço próprios dos procedimentos midiáticos.

Nesse sentido, o que é perceptível na realidade jornalística é o aumento na velocidade em disputar espaço de audiência e conquistar excelentes patrocínios. Às vezes, uma determinada cobertura jornalística entra na disputa do vale tudo para agradar (estabelecimento de valores persuasivos); e os acontecimentos passam a ser ordenados com a intenção de vencer a concorrência na fixação da atenção do público (atribuições de sentido). Matérias e notícias passam a compor um núcleo informativo, que é o mesmo para todos, e nada é produzido ou criado fora desse contexto.

O público acaba sendo empurrado e envolvido pela estética de organização estabelecida na processualidade midiática, alicerçada fundamentalmente no poder de penetração e de instantaneidade. A impossibilidade de se perceber o que realmente está em andamento, dada pela velocidade de produção, impossibilita o estabelecimento de uma organização própria para os sentidos produzidos (pela não existência de espaços).

Com a potencialidade adquirida pelo entretenimento, via cobertura, em épocas de Copa do Mundo; entender o envolvimento do jornalismo esportivo passa a ser de fundamental importância. Visto a amplitude e a visibilidade alcançadas pelo evento a partir das cadeias (redes) de transmissão; trata-se das fortes críticas feitas pelos jornalistas aos treinadores e a alguns jogadores da seleção brasileira.

Jogadores, atuando pela seleção, também serviram (como matriz) e servem de alvo às críticas jornalísticas produzidas. Os pontos críticos variam e se diversificam na dependência de quem é alvo da crítica. Nessa população é possível realçar aspectos que envolvem o núcleo gerador da notícia: julgamentos sobre competência – capacidades técnicas e táticas. Os erros e os defeitos são potencializados via formatação jornalística. Tais atributos (os erros) servem de base à constituição de traços e perfis psicológicos,



aos quais são imputados valores quanto à capacidade de desempenho, vinculados diretamente às lógicas aceitas e sacramentadas no meio futebolístico.

Desperta curiosidade a relação dos julgamentos jornalísticos com os pressupostos teóricos da técnica e da tática. Neste sentido, a construção à análise proposta, aqui apresentada, parte do relato das críticas relacionadas a treinadores e jogadores da seleção brasileira, durante o período de realização da Copa do Mundo de 1998 (França). Foram incluídos o período de preparação, as partidas preparatórias e as oficiais, momento em que as críticas sobre a atuação do selecionado nacional foram amplamente debatidas. Priorizou-se, sobretudo, as situações que geraram considerável polêmica midiática.

Para tanto, foi realizado um levantamento e uma transcrição dos mesmos para se ter uma perspectiva da análise e da fundamentação que deu suporte às críticas (visão geral). O ponto de referência à realização das análises, considerando-se o conteúdo noticioso e a relação entre esporte e jornalismo, foi conduzido principalmente sob a perspectiva dos conhecimentos teóricos da técnica e da tática.

2. O caminho da análise³

Como já caracterizado, o interesse principal da investigação concentrou-se na apresentação das críticas a que foram submetidos os jogadores e o técnico da seleção brasileira durante a Copa do mundo de 1998. Foram registrados, em vídeo, as transmissões dos jogos, as mesas redondas e as demais análises dos jogos da seleção brasileira (canais abertos⁴). As matérias, notícias e comentários dos jornais (Folha de São Paulo, Zero Hora, Correio do Povo) foram revisados sistematicamente em relação aos pontos polêmicos que surgiram durante a Copa do Mundo.

Outros jornais, a exemplo do Jornal do Brasil e revistas (como a Revista Placar) foram utilizados como fonte de consulta esporádica na busca de sustentação dos fatos polêmicos levantados. A consulta a revistas e jornais foi realizada de forma seletiva, buscando-se a maneira de vinculação dos assuntos polêmicos surgidos e listados anteriormente.

³ A íntegra da investigação (parte descritiva e analítica, metodologia e aporte teórico), aqui apresentada, integra a dissertação intitulada: *Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas*, apresentada a ECO/UFRJ em 1999.

⁴ Na ocasião Rede Manchete, Sistema Brasileiro de Televisão, Rede Bandeirantes, Rede Globo, Rede Record e Fundação Padre Anchieta – TVE.

Na descrição dos assuntos polêmicos, buscou-se sintetizar os principais problemas e dificuldades sistemáticas constatados nos episódios revisados. Como o maior e o principal conteúdo das transmissões e matérias esportivas envolveram comentários e apreciações de caráter técnico - tático, buscou-se ordenar os principais pressupostos encontrados nas críticas através dos mesmos. Também foi orientação traçar as limitações dos pressupostos relativos a uma compreensão de jogo (relação entre ataque e defesa) assumidos na realização das críticas⁵.

Durante o levantamento dos aspectos que fundamentaram as críticas, cabe destacar que as notícias e os comentários apresentaram-se com ênfase sensacionalista. Existiu também uma forte utilização da “falação esportiva⁶”, os comentários e análises eram carregados de emotividade, a disponibilidade de tempo limitava a compreensão do que foi abordado, tradição e dogma estiveram presentes em várias análises efetuadas, um regionalismo fez parte das avaliações de desempenho dos jogadores, a intervenção jornalística foi enfática em relação às condutas do técnico (pretendiam a unanimidade). Devido à fragmentação dos comentários, existiu uma dificuldade de reconstituição e fundamentação das críticas, a crítica tomou referência no resultado consumado dos acontecimentos. Também foi difícil estabelecer uma diferenciação entre o que foi considerado erro e o que foi considerado mérito, e os princípios e questões éticas do jornalismo foram insuficientemente observados.

2.1 Episódios analisados

Embora a extensão da análise utilizada tenha sido ampla e abrangente, utilizar-se-á uma síntese, por conta da apresentação do texto, para representar a perspectiva de observação utilizada na ocasião do recorte – Copa do Mundo de 1998. Os episódios destacados foram ordenados no formato que segue.

2.1.1 Copa Ouro de 1998: Edmundo e Romário

Na oportunidade, a impressão que se teve, pelas notícias veiculadas, é que a seleção brasileira que viajou para a Copa Ouro de 1998 era uma “junção” de jogadores. Um tema amplamente divulgado foi

⁵ O conteúdo descritivo foi revelado a partir dos procedimentos e materiais utilizados e desenvolvidos por Rolnik (1989, p. 280).

⁶ Umberto Eco (1985) refere-se ao termo no texto intitulado: Viagem na Irrealidade Cotidiana, como a resultante de uma ação que enche e transborda a vida das pessoas com assuntos do futebol.

a convocação dos Bad-Boys. O termo refletia a imagem existente em relação a Edmundo e Romário e tinha a função de caracterizá-los. A respeito desses jogadores ficou registrada, tanto na cabeça do torcedor quanto nos relatos de seus atos na mídia, uma série de episódios polêmicos envolvendo suas vidas.

Devido a isso, foram vinculadas a eles duas imagens bem marcantes. A primeira negativa, de mau comportamento; pois a dupla tinha a fama de ‘brigões’, ‘indisciplinados’, ‘pessoas de pavio curto’, ‘criadores de caso’, irresponsáveis e festeiros. Vários episódios envolvendo suas relações com os adversários, treinadores, dirigentes, torcedores e com os próprios jornalistas, contribuíram decisivamente para a construção dessa imagem. Adiciona-se a esses fatos o enfoque, muitas vezes polêmico, com que foram transcritos e divulgados na mídia e a segunda, uma imagem positiva, de excelentes jogadores.

Os títulos e as notícias analisados foram construídos de forma a transmitir um significado ambíguo, por que se esperava transmitir aos leitores, ou parte desses, pelo menos uma das duas conotações possíveis. Não se pode afirmar, conseqüentemente, que a intenção jornalística era de evitar mal-entendidos quanto à compreensão dos sentidos⁷ atribuídos. Justamente a atribuição do sentido é mais rica pelo conteúdo e ilustrações que sugere nas entrelinhas, do que pela precisão do que afirma⁸.

Neste caso, foi possível caracterizar que a ambigüidade pode prestar-se para a tomada de posição em relação a uma ou outra das possibilidades sugeridas. Ou ela pode contribuir ou conduzir para uma outra posição que se caracterizaria pela confusão na compreensão. Se o objetivo almejado é confundir a compreensão, a pergunta que se faz é: Quais os interesses que promoveriam essa atitude? Identificar quais seriam estes interesses é uma questão muito difícil de responder.

⁷ Saperas (1993, p. 95) diz que os critérios de seleção na tematização das notícias são regidos por *regras de atenção* orientadas nas possibilidades de preferência das pessoas (*subsídio* no espaço da publicização dos acontecimentos).

⁸ A noção de dispositivo, desenvolvida por Mouillaud (1997, p. 30), é fundamental à compreensão de forma (formatação) que comanda não só a ordem dos fatos, mas também a postura do leitor, preparando-lhe o sentido.

Ainda na seqüência que tratou dos “Bad-Boys”, houve uma polarização entre as temáticas: futebol inventivo e futebol burocrático. Na esteira das questões burocráticas, Zagallo foi apresentado como herdeiro de Parreira que, por sua vez, foi detentor de uma era caracterizada no jornalismo, até então, pela burocracia, pelo defensivismo e pelo futebol de resultados. Para a Copa de 1998, alguns jogadores do antigo time de Parreira faziam parte dos convocados de Zagallo.

Cabe lembrar que na Copa anterior (1994), Parreira foi duramente atacado pela imprensa, que não aceitava as suas concepções de jogo. Ele defendeu-se afirmando que não estava imitando o jogo europeu, como muitos jornalistas sugeriam e indicavam, mas que na sua opinião, para se praticar a boa escola brasileira de futebol era necessário primeiramente assegurar a posse de bola, portanto, defender em primeiro lugar, para depois atacar. Sua compreensão tática foi interpretada e ainda parece ser, como uma tendenciosidade ‘burocrática’⁹, considerada ainda hoje, por muitos, como um ultraje à capacidade do jogador brasileiro em criar (reforçada com a atuação da seleção na Copa de 2006).

Isso sugere, conseqüentemente, que burocracia, defensivismo e futebol de resultados representaram, no contexto analisado, uma impossibilidade de compreensão do verdadeiro futebol brasileiro. O que assegurou, por sua vez, a sugestão indicada de que se determinados jogadores (assim como treinadores) estiverem presentes numa partida no lugar de outros, certamente um determinado comportamento os acompanhará.

Em anteposição ao conceito de burocrático enfatizado e praticado pelo técnico da seleção brasileira (Zagallo), surgiu o de futebol inventivo. À inventividade no futebol brasileiro, ligam-se termos como: futebol-arte, futebol lúdico, futebol descompromissado, alegre, infantil e de menino; indicando um entendimento já posto em relação ao jogo.

⁹ O burocrático é considerado um ‘duro’, incapaz de sair de situações variadas, situações novas. Conseqüentemente, isso fez de Parreira e todas as pessoas que o cercaram ou trabalharam com ele, pessoas sem iniciativa, condicionando seus comportamentos à obediência e nada mais. Um burocrata padrão segue uma hierarquia rígida e se sujeita a regulamentos.



Denílson foi o jogador usado na ocasião para caracterizar o futebol desejado e defendido por boa parte dos jornalistas esportivos, o qual, como modelo, se contrapõe ao criticado futebol burocrático. No “futebol inventivo”, creditavam os jornalistas, existir a representação da verdadeira tradição do futebol brasileiro. Essa tradição tem sido descrita e representada através de uma imagem de futebol, a qual vê em jogadores do passado, como exemplo de Garrincha, seus representantes¹⁰. Frequentemente são feitas na mídia menções a esses jogadores e suas proezas.

Sintetizando, pode-se sugerir que talvez os jornalistas responsáveis pela elaboração das matérias e notícias relatavam ou tentavam traspassar a idéia da confusão que foi a convocação para a Copa Ouro. Isso pode ser visto na colocação ou disposição dos temas abordados (Bad – Boys, burocráticos e inventivos). Os “Bad – Boys” serviram para uma interpretação ambígua, que por sua vez se prestou para dificultar a clareza da informação. Como também os “burocráticos” serviram para o mesmo fim. Como entender taticamente o que se pretende com a exposição desses temas no futebol? Como eles se caracterizam? Seria possível implementá-los? E mais ainda, logo em seguida, o termo ou o sentido do que se pretende “inventivo” é disposto de forma antagônica aos burocráticos do futebol. Como, então, situar as diferenças do que é uma coisa e do que é outra? Onde se situa o mérito de um e outro, e quais os pontos que os fundamentam? A vinculação de termos e idéias que não foram devidamente explicitadas, ou que não puderam ser entendidas ao certo, induz os leitores a dar vida aos enunciados e tentar solucioná-los ou elucidá-los dentro de suas cabeças. O que sobressai também é a questão relacionada ao sentido ou à condição de defesa. Por que parece que marcar é uma atitude burocrática? Nesse contexto, os burocráticos parecem se associar à disciplina tática e ao futebol europeu¹¹.

2.1.2 Apreciação das notícias: fatos relacionados aos jogadores

¹⁰ Uma coisa caracterizada é a impressão que causa o futebol de Denílson. Para descrevê-lo, os jornalistas utilizaram metáforas e atributos ficcionais. Outra coisa é a exigência de se tentar implementar, operacionalizar e praticar esse tipo de futebol.

¹¹ Aqui já é possível destacar que para além de uma interpretação pessoal e própria do jogo em si é prudente considerar a racionalidade inerente aos esportes coletivos: a relação entre o atacar e o defender.

O corte de Romário – No intervalo entre o jogo de Bilbao na Espanha e a partida frente à seleção de Andorra, Romário foi cortado da seleção. O jogador não havia treinado com bola desde que chegara à França, devido a uma lesão. Esse episódio foi explorado pela mídia na forma de conflito, e a comissão técnica da seleção brasileira foi o principal foco das divergências apuradas. Nesse contexto, Romário foi cortado. Antes, porém, através das várias manifestações da mídia, houve uma pressão enorme em torno do caso. Foram semanas de exploração e enfoque polêmico do assunto. Na maioria das vezes, a tônica das reportagens ficou mais no sentido e nas suposições existentes nas entrelinhas dos textos e das matérias.

Constatou-se a intenção de tematizar um desequilíbrio no interior da comissão técnica da seleção. Lídio Toledo e Zico foram os protagonistas dessa disputa que culminou com o corte do atleta. Por mais que alguns meios indicassem a situação de que Zico fora prejudicado com a sua exposição no caso, ele, segundo os próprios meios, parecia por outro lado ter assumido uma condição de destaque dentro da comissão. Zagallo foi novamente atingido, pois a maioria das sugestões indicavam haver uma nova voz de comando na seleção, e que essa voz era de Zico¹².

Bebeto expiatório – Na estréia do Brasil na Copa do Mundo, Bebeto foi amplamente criticado. Além de ter sido escolhido para expiação crítica por uma determinada parcela do jornalismo, ele também passou a ser angariado por outras correntes que, a partir do momento em que o jogador passou a ocupar a vaga deixada pelo jogador Romário, na posição de titular, protagonizou o desejo de muitos em ver naquela posição outros jogadores. Nesse sentido, ele foi apresentado como ocupante da vaga que segundo posições jornalísticas, credenciavam ou Edmundo ou Denílson para a titularidade ao lado de Ronaldinho no ataque brasileiro. Bebeto, nesses casos, foi avaliado como uma figura que impedia a “inventividade” de Denílson se manifestar em

¹² Para se ter uma idéia dos movimentos utilizados para cada item analisado: **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.1, em 29/05/98. Por Alexandre Gimenez, João Carlos Assumpção e Marcelo Damato, enviados especiais a Ozoir-la-Ferrière, **Correio do Povo**, Capa e p.28, em 29/05/98, **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.4, em 31/05/98. Da reportagem local, **Correio do Povo**, p. 23, em 04/06/98, gravação da Rede Record de Televisão, inserção no jornal da Record (meio dia)/cobertura da Copa em 30/06/98, gravação da Rede Globo de Televisão, do programa Globo Esporte (inserção ao meio dia) e jornal da noite/cobertura da Copa em 04/06/98 e **Correio do Povo**, p. 24, em 03/06/98.

campo; ou não deixava que a “fúria” de Edmundo estraçalhasse, atravessasse os adversários.

*Giovanni: o morfético*¹³ - Alguns jornalistas e comentaristas, por ocasião de 98, consideravam que Giovanni havia sido presa de um sistema tático imposto por Zagallo. Para eles, o jogador deveria atuar como jogava em seu clube (Barcelona) e não limitado às tarefas que o treinador havia pedido que executasse.

Taffarel: o contestado – O que se percebeu é que as críticas em relação ao goleiro apresentaram na Copa uma nuance muito interessante, quando não se falava de sua condição pouco confiável no gol¹⁴, dizia-se que ele ali estava por ser homem de confiança do técnico. Porém, nunca se ouviu qualquer crítica sobre o jogador por parte de seus colegas de seleção, pelo contrário, todos afirmavam que Taffarel lhes inspirava confiança, requisito básico para quem ocupa a posição de goleiro. Tem-se a impressão que em um episódio de falha, parece vir à tona avaliações pessoais dos jornalistas. A situação (a falha), foi prova definitiva para a confirmação das preferências e convicções pessoais.

Por outro lado, depois da partida frente aos holandeses na Copa, o goleiro Taffarel recebeu várias designações. Neste episódio em especial, sua atuação foi imprescindível. Defendeu duas cobranças de pênalti dos holandeses, fato que determinou a classificação do Brasil para a final da Copa. Taffarel saiu do episódio, ostentando a imagem de um santo ou de um anjo. A Rede Globo, em matéria especial a respeito da carreira de Taffarel e do seu desempenho frente aos holandeses, encerrou a mesma, congelando a imagem do goleiro no momento da comemoração da classificação brasileira, colocando asas de anjinho em Taffarel.

Dunga e seu desempenho – De todos os integrantes da seleção brasileira, provavelmente tenha sido o jogador que mais ataques tenha sofrido por parte da imprensa brasileira. Sua imagem ainda possui as marcas atribuídas durante a campanha brasileira na Copa de 90. Dunga, apesar de seu desempenho, é lembrado e relacionado àqueles tempos.

¹³ Título do **Jornal Zero Hora**, encarte Jornal da Copa, p.6, em 11/06/98.

¹⁴ Gravação da Rede Globo de Televisão da partida amistosa entre Brasil e Athletic Bilbao, em 31/05/98.

Essa alcunha lhe foi imposta pela crítica jornalística, que o perseguiu e o responsabilizou pelo desempenho do Brasil na Copa de 90. Por isso, a Copa de 90 ainda é lembrada pela “Era Dunga¹⁵”.

Dunga parecia não ter um reconhecimento devido em relação à sua maneira de jogar. Isso colaborou impedindo que um alcance mais amplo ocorresse em direção à idéia ou a uma concepção de esporte que permitisse a compreensão da dinâmica de jogo. Existe aí o risco de cada vez mais limitar uma apreciação própria de jogo, destacando suas partes em detrimento do todo. Ou seja, o jogo perde sua essência e o seu aspecto de coletividade. Considerando-se que cada vez que Dunga foi depreciado, toda uma parte do jogo (defesa), onde o jogador atuou, foi colocada à margem ou menosprezada.

Emerson, o desconhecido – A descrição deste episódio prestou-se para demonstrar a forma como a convocação de jogadores é processada (avaliada) midiaticamente. A convocação de Emerson para o lugar de Romário foi tematizada em algumas matérias como se o jogador fosse “um ilustre desconhecido”. O “desconhecido” não deixou de apresentar um tom de crítica imanente a quem o convocou e, ao mesmo tempo, não deixou de ser um questionamento à validade da utilização do jogador na seleção¹⁶.

O jornalista esportivo e seu pensamento sobre convocações podem ser, na melhor das hipóteses, apenas manifestações críticas ao procedimento do treinador em relação à detecção de inconsistências nas concepções e propostas apresentadas para o alcance dos seus objetivos. Não é de responsabilidade dos jornalistas a composição da seleção. Essa responsabilidade cabe inicialmente ao técnico. Por isso, a adequação de jogadores deve ser inicialmente questionada em relação à proposta do técnico. A crítica de que o técnico não convocou os melhores jogadores para a seleção reverte a condição que tem o técnico de escolher aqueles, que segundo seus critérios e concepções, poderiam compor o grupo.

¹⁵ Não bastasse a exposição pública a que foi submetido o jogador, seu estilo de jogar foi sempre vinculado para caracterizar o defensivismo e o futebol burocrático.

¹⁶ Cabe lembrar, que recentemente (nos jogos preparatórios para a Copa América de 2007) o jogador Afonso foi alvo da mesma temática: ‘o ilustre desconhecido’.

Assim, a condição de escolha do técnico fica vinculada às condições e preferências dos jornalistas. Nesse contexto criado, existe, para o jornalista, uma facilidade em soltar ou dispor os seus pensamentos quando realiza uma análise ou comentário, ou quando exige uma convocação¹⁷.

Observou-se, nesse caso, que as posições dos jornalistas em relação a convocações de jogadores, refletiram muito a sua identificação regional. Isso significa dizer, o que não é novidade, que jogadores do Rio Grande do Sul, São Paulo e outras regiões são, via de regra, mais ou menos criticados ou aclamados na dependência do local onde a notícia foi produzida. O regionalismo, muitas vezes, é o responsável pela construção das matérias e está latente nas colunas e textos críticos. Esse é um dos motivos pelo qual convocações têm sido sempre um tema muito polêmico midiaticamente.

2.1.3 Apreciação da arbitragem

O jogo entre Brasil e Noruega foi bastante disputado, e a sua definição aconteceu nos minutos finais. O que mais causou espanto foi a marcação do pênalti contra o Brasil, definindo o placar a favor dos noruegueses (2x1). Todas as emissoras, sem exceção, e conseqüentemente os jornais, acusaram o árbitro de ter punido injustamente a ação do defensor brasileiro, Junior Baiano. Várias apreciações foram feitas sobre o lance e em todas o jogador brasileiro foi inocentado da suposta falta dentro da área, e o árbitro devidamente “crucificado”. Conseqüentemente, foram realizadas várias apreciações sobre o seu caráter, sua eficiência e outras coisas mais. Mas, infelizmente ou felizmente, existia no caminho uma equipe de tevê

¹⁷ Obviamente que o comentarista ou jornalista esportivo é livre para esboçar sua visão a respeito de todos os assuntos; especificamente da convocação. Porém, esse comentário vem representar nada mais do que a utilidade do jogador na concepção de jogo idealizada pelo jornalista. Entre os motivos pelos quais o leitor gostaria de ser informado da maneira como o técnico pensa a equipe e suas estruturas táticas, destaca-se: a possibilidade de entender o que se passa e de formar seu próprio pensamento crítico sobre o assunto, a possibilidade de poder diferenciar entre a concepção do técnico e se for o caso a crítica jornalística e a possibilidade de aumentar a cultura geral sobre o assunto ouvindo concepções diversas de jornalistas e outros analistas sobre o tema, mesmo que sua concepção seja uma idealização.

amadora da Suécia, que de um ângulo diferente dos até o momento vistos, mostrava claramente um “puxão” do defensor brasileiro que provocou a queda do atacante norueguês. Toda a ladainha produzida em torno do episódio foi desfeita. Ficou no ar uma sensação muito estranha de pressa.

2.1.4 Comentários selecionados dos jogos da seleção

Chamou atenção a avaliação dos adversários da seleção brasileira de futebol. Observou-se nitidamente nos comentários esportivos uma certa arrogância: Futebol é o que é praticado pela seleção brasileira, os ‘outros’ são incapazes de fazer frente à equipe do Brasil. Conforme consenso jornalístico, se o Brasil quiser e jogar o futebol que sabe e tem – célebre frase – ganha de qualquer adversário na hora que bem entender. “O Brasil só pode ser adversário do Brasil!”.

Na Copa do Mundo de 1998, Escócia, Marrocos e Chile foram citados como adversários que não estavam à altura do time brasileiro. A Escócia, por exemplo, foi considerada desde o início, pela imprensa, como uma equipe de forte marcação, mas à medida que o jogo foi transcorrendo os escoceses passaram à condição de fracos oponentes. No jogo da Escócia destacou-se que o Brasil não jogou à altura, pois afinal, enfrentando um “time fraco”, venceu com duas bolas paradas.

Após vencer a Holanda nos pênaltis, verificou-se que o entusiasmo com a vitória foi geral e todas as emissoras obrigatoriamente reverenciaram a atuação do goleiro brasileiro Taffarel, que a partir daquele momento passou a ser herói nacional. Um outro ponto importante e que deve ser considerado com muita atenção foram as considerações feitas em relação ao adversário brasileiro, a Holanda, o mais forte adversário e o mais certo candidato ao título. Depois dessa partida, vencendo o possível campeão, parecia que o Brasil já tinha conquistado a Copa. A França foi avaliada como uma sorridente e satisfeita anfitriã em posição de honra na final contra o Brasil (pentacampeão assegurado).

Como se sabe, o Brasil foi derrotado pela França. Zagallo foi protagonista de um episódio peculiar, quando na coletiva depois do jogo foi perguntado por que colocou Ronaldo na partida se ele não tinha condições de jogar. O técnico brasileiro perdeu a paciência com o repórter e lhe disse uma porção de coisas, entre elas, ele afirmou que para estar naquela posição era necessário ser homem, e que muitos dos repórteres que ali estavam deviam a sua profissão a ele. O responsável por assessorar a coletiva tentou retirar Zagallo, a entrevista foi encerrada com um clima de briga entre Zagallo e o repórter.

Com tal atitude, mais coisas pareciam saltar aos olhos e não ficaram bem esclarecidas. Daí para frente uma enxurrada de informações e especulações se iniciaram. O alvo principal foi Ronaldinho, que supostamente não deveria ter entrado na partida. Mas, por quê? Quem autorizou sua entrada e por que motivo? Quais os interesses que estavam por trás? Ronaldo e todos os que fizeram parte desse e de outros episódios polêmicos durante a Copa foram virados do avesso.

3. Considerações Finais

Observou-se, nas construções das informações jornalísticas sobre o futebol na Copa do Mundo de 1998, que análises e avaliações de cunho técnico – tático, tanto sobre a equipe como um todo, quanto sobre elementos individuais, ocuparam local destacado e compreenderam a maioria do conteúdo jornalístico das reportagens e/ou comentários esportivos. Isso é mais característico nas transmissões de eventos esportivos via televisão. Nessas análises e comentários críticos, foram encontrados juízos de valores de natureza esportiva, principalmente, referentes à avaliação de desempenho técnico – tático de jogadores e treinadores. Se as questões apresentadas tratam do conteúdo técnico específico do jogo de futebol, devem encontrar nessa, sua fundamentação.

Baseado nessa referência de análise é possível indicar que as críticas feitas, relativas às análises táticas, foram superficiais e não encontram fundamentação suficiente na teoria de tática. Elas devem ser entendidas, quando não contrariam o conteúdo teórico de tática, na melhor das hipóteses, como uma opinião entre outras

possíveis, de como conceber o jogo. Esse enunciado implica necessariamente em uma relativização das posições jornalísticas em relação às críticas e reivindicações de conteúdo técnico – tático referente a jogadores e técnicos.

Também não se deve esquecer que as necessárias análises táticas mais profundas, capazes de diminuir as possibilidades de erros de interpretação e garantir maior aproximação com o fato real, são limitadas – durante uma transmissão esportiva, mesmo em uma mesa redonda de discussões ou em crônicas em jornais – pelas dificuldades existentes. Entre elas, cita-se: tempo disponível para a análise, dificuldade teórica de se excluir ou determinar as causas a que devem ser atribuídos méritos ou erros táticos. A superação de tais limitações é vista como muito difícil para a formação profissional e as condições de trabalho existentes no meio.

Não é intenção reivindicar do jornalismo esportivo uma postura no sentido de uma apresentação ou discussão acadêmica do conteúdo técnico específico de tática. Da mesma forma, não é exigência que nesse se concentre toda ou a principal tematização jornalística do jogo, e que as abordagens venham a esgotar os aspectos táticos do jogo. Essa é uma questão de competência dos jornalistas. Porém, se questões técnico – táticas são escolhidas como tema, e fundamentam críticas muito fortes (aos jogadores e aos treinadores), em relação à competência e incompetência dos mesmos, então, parece que se justifica exigir dos jornalistas que adotem tais posições na apresentação da fundamentação da argumentação. Para posteriores abordagens, fica estabelecida a questão relativa à abrangência em que os aspectos teóricos específicos do conhecimento envolvendo as questões reais do jogo precisam ser considerados ou ignorados, na prática do jornalismo esportivo.

A outra perspectiva de análise da crítica aos treinadores e jogadores foi fundamentada naquilo que os jornalistas estabelecem como os princípios orientadores do seu proceder jornalístico. Em relação a esse aspecto, pode-se concluir que em muitas das situações mencionadas no trabalho, pode-se perceber que a crítica a jogadores e técnico, toma até mesmo o aspecto de agressão pessoal. A precisão dos comentários e até mesmo da notícia foi, em alguns casos, pouco observada. Títulos e manchetes predisuseram visivelmente uma forma de agressão sutil. Nesse particular, também fotos e caricaturas exerceram a função de reforçar a agressão ou o tom da crítica. Todas essas questões contradizem o que os jornalistas estabelecem nos seus princípios, como



sendo a maneira adequada de fazer jornalismo. A questão traz um problema bastante complexo à discussão que é a ética do jornalismo. Tal discussão já é objeto de análise em grupos de estudos dentro do jornalismo e por isso não se pretende ampliá-la.

Para finalizar, cabe uma ressalva: certamente o fenômeno envolvendo esporte e jornalismo não pode ser visto ou analisado apenas através de situações que indicam possíveis 'erros' ou problemas. Uma série de pontos positivos existe nas transmissões, crônicas, reportagens e notícias, porém, não foram abordados. É bastante complexa a abrangência do fenômeno como um todo (limitações da abordagem). Como não poderia ser diferente, entende-se que esta investigação e suas análises devam ser objetos de avaliações e críticas científicas mais profundas, objetivando sua aceitação e aplicação. Sem dúvida nenhuma, pretende-se fazer tal análise crítica em investigações posteriores.

Referências bibliográficas

CORREIO DO POVO, Capa e p.28, em 29/05/98.

CORREIO DO POVO, p. 20, em 11/06/98.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOLHA DE SÃO PAULO, caderno 4 – p.4, em 31/05/98. Da reportagem local.

GIMENEZ, Alexandre; ASSUMPCÃO, João Carlos e DAMATO, Marcelo. **Folha de São Paulo**, caderno 4 – p.1, 29/05/98.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Gravação da partida amistosa entre Brasil e Athletic Bilbao, em 31/05/98.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Gravação do programa Globo Esporte (inserção ao meio dia) e jornal da noite, cobertura da Copa em 04/06/98.

REDE RECORD DE TELEVISÃO. Gravação do jornal da Record, cobertura da Copa, em 30/06/98.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora clube do livro/Estação liberdade, 1989.

SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Portugal: Edições Asa, 1993.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme. **Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1999. Dissertação.

ZERO HORA, encarte Jornal da Copa, p.6, em 11/06/98.